



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Números de atividade devem indicar baixo crescimento do PIB no 2T25. No cenário externo, atenção para a Ata do FED (20) e fala de Powell em Jackson Hole (21/08)

A agenda de indicadores nacional se concentra hoje (18), quando serão conhecidas as *proxies* mensais do PIB com os números do fechamento do 2º trimestre, que devem apontar um baixo crescimento da economia no período. O Banco Central divulgou agora há pouco o resultado do índice IBC-Br, que recuou 0,1% em junho. Com isso, o indicador registrou uma alta de apenas 0,3% no 2º trimestre, sinalizando um crescimento modesto no período, após avançar 1,5% no 1T25, então impulsionado pela super safra agrícola. Na mesma direção, a FGV publica ainda hoje o Monitor do PIB, que também deve mostrar um desempenho contido em junho e reforçar a percepção de arrefecimento da atividade econômica no 2º trimestre. O resultado oficial do PIB do 2º trimestre será divulgado pelo IBGE no dia 02 de setembro.

No campo inflacionário, a FGV divulgou hoje (18) cedo o resultado do índice IGP-10 de agosto, que voltou a mostrar queda dos preços agropecuários no atacado. O índice subiu 0,16% no mês, interrompendo uma sequência de quatro meses em deflação. A alta foi explicada pela reversão nos preços dos produtos industriais, com destaque para o minério de ferro (de -6,83% em julho para +9,37% em agosto), enquanto os itens agropecuários seguiram em deflação. Em 12 meses, o indicador seguiu desacelerando, recuando de 3,42% para 2,84%.

No setor bancário, o Banco Central realiza na quarta-feira (20) a reunião trimestral do Comitê de Estabilidade Financeira (Comef). Além de apresentar a visão do regulador sobre temas centrais do SFN, como inadimplência, materialização de riscos, níveis de capitalização e provisionamento, o mercado estará atento ao tema do Adicional Contracíclico de Capital Principal relativo ao Brasil (ACCP Brasil), mencionado na Ata da reunião de maio.

No cenário internacional, o foco dos agentes estará no Simpósio de Política Econômica, evento anual promovido pelo Fed de Kansas City em Jackson Hole, que começa nesta quinta-feira (21). O tema deste ano é “Mercados de Trabalho em Transição: Demografia, Produtividade e Política Macroeconômica”. As atenções estarão voltadas para Jerome Powell, presidente do Fed, que deve discursar no evento na sexta (22), e pode sinalizar que a instituição deve retomar o ciclo de queda dos juros em sua próxima reunião (17/set), em meio aos crescentes sinais de enfraquecimento da economia norte-americana, inclusive do mercado de trabalho, enquanto a inflação ainda mostra pressões contidas das tarifas.

Ainda no âmbito da política monetária, na quarta (20) será divulgada a ata da última reunião do Fed, que foi marcada pela divergência do voto de dois membros do Comitê. Na ocasião, dois diretores votaram pela redução dos juros, enquanto Powell, em coletiva, reforçou que nenhum movimento estaria “contratado” para a reunião de setembro. Apesar da brusca revisão nos últimos dados de geração de empregos desde então, que mudou a leitura do cenário, o documento deve explorar as divergências na leitura do cenário entre os diretores da instituição. Com relação aos dados, a semana traz as prévias dos índices PMIs de agosto, além dos dados de julho do setor imobiliário, que devem reforçar os sinais de desaquecimento da economia dos EUA.

Na Europa, a semana traz a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) e as prévias de agosto dos índices PMIs. Na quarta (20), será divulgada a estimativa final do CPI de julho, que deve permanecer estável em 2,0% em 12 meses, em linha com a meta do BCE. Na quinta (21), serão conhecidos os PMIs de agosto, com atenção para os possíveis efeitos das tarifas comerciais sobre a economia da região.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
18/ago	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Jun/25	0,1% m/m 1,3% a/a	-0,7% m/m 3,2% a/a
18/ago	FGV: IGP-10	Ago/25	0,22% m/m 2,91% a/a	-1,65% m/m 3,42% a/a
18/ago	FGV: Monitor do PIB	Jun/25	-	0,3% m/m 3,4% a/a
20/ago	BCB: Reunião do Comitê de Estabilidade Financeira (Comef)	3T/25	-	-

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/ago	EUA	Construção de casas novas	Jul/25	-1,6% m/m	4,6% m/m
19/ago	EUA	Alvarás para novas construções	Jul/25	-0,4% m/m	-0,1% m/m
19/ago	China	Taxas de Juros Prime (1 ano e 5 anos)	Ago/25	3,00% aa; 3,50% aa	3,00% aa; 3,50% aa
20/ago	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jul/25 – final	0,0% m/m 2,0% a/a	0,3% m/m 2,0% a/a
20/ago	EUA	Fed: Ata da última reunião	-	-	-
21/ago	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Ago/25 – prévia	49,5 pts / 50,8 pts	49,8 pts / 51,0 pts
21/ago	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Ago/25 – prévia	-14,7 pts	-14,7 pts
21/ago	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Ago/25 – prévia	49,8 pts / 54,2 pts	49,8 pts / 55,7 pts
21/ago	EUA	Vendas de casas existentes	Jul/25	-0,3% m/m	-2,7% m/m
21-23/ago	EUA	Simpósio de Política Econômica de Jackson Hole	2025	-	-

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Inflação traz surpresa positiva, enquanto dados de atividade reforçam viés de desaceleração

A inflação medida pelo índice IPCA voltou a mostrar sinais de melhora em julho, com alta de apenas 0,26% no mês, bem abaixo da expectativa do mercado (0,36%). O indicador também apontou melhora nas métricas qualitativas, incluindo em componentes mais sensíveis à demanda interna e relevantes na condução da política monetária. Em 12 meses, o índice desacelerou de 5,35% para 5,23%.

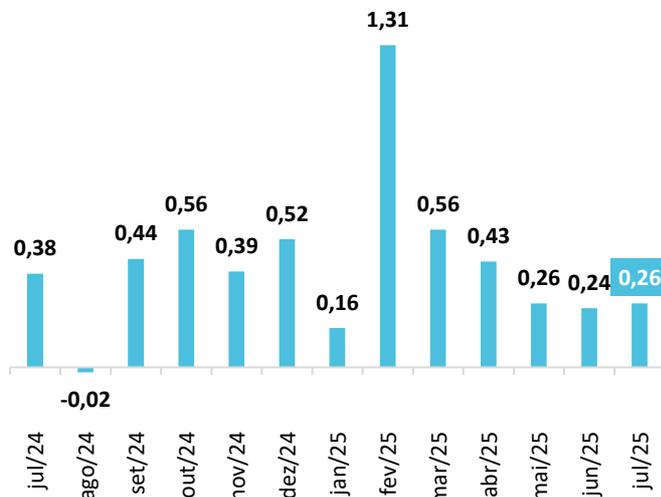
O resultado seguiu beneficiado pela contínua acomodação dos preços dos alimentos no domicílio (-0,69%), com destaque para os itens *in natura*, cereais e carnes, refletindo a sazonalidade favorável do período e a queda dos preços das *commodities* agrícolas. Ainda assim, a inflação acumulada em 12 meses do grupo subiu de 6,23% para 7,11%, mantendo-se em nível bastante elevado. Outras contribuições relevantes vieram dos combustíveis (-0,64%), que recuaram pelo 4º mês seguido, e do grupo vestuário (-0,54%).

Por outro lado, a energia elétrica (+3,04%) e as passagens aéreas (+19,92%) pressionaram a inflação no mês. No caso da energia, pesaram a manutenção da bandeira tarifária vermelha nível 1 e os reajustes tarifários em diversas capitais. Já a alta das passagens aéreas refletiu o aumento da demanda no período de férias. Juntos, os dois itens exerceram impacto de 0,22 pp, o equivalente a 85% da inflação do mês.

As principais métricas qualitativas também apresentaram um comportamento mais favorável no mês. Todos os 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central desaceleraram em 12 meses, com a média caindo de 5,23% para 5,06%. A inflação dos itens industriais recuou de 3,72% para 3,34%, favorecida pela apreciação do Real observada neste ano. Já a inflação de serviços subjacentes, mais sensível à demanda interna, passou de 6,83% para 6,68%. Embora ainda bastante elevada, essa desaceleração sugere a possibilidade do início de uma inflexão em sua trajetória, após acelerar desde meados de 2024, quando saiu de 4,45% até atingir o pico recente em junho.

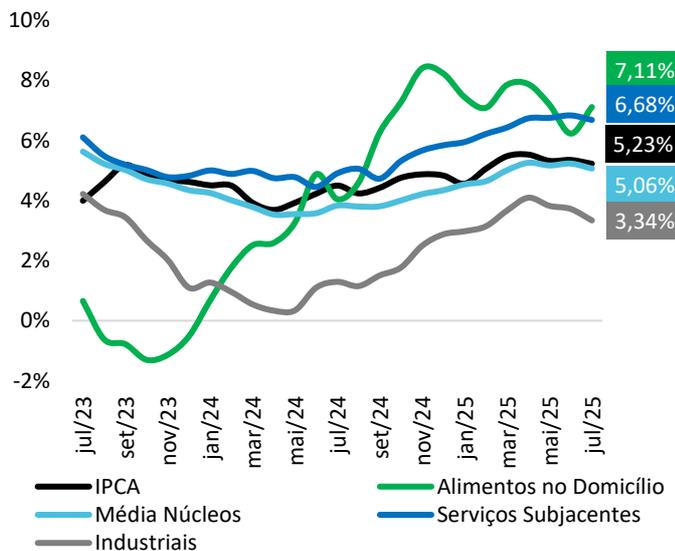
Em síntese, o dado de junho mostrou uma inflação menor do que a esperada, com várias métricas importantes apontando para alguma inflexão do processo inflacionário, favorecida pela apreciação cambial e a queda dos preços das *commodities*. Esse quadro reforça a expectativa de desaceleração da inflação ao longo do 2º semestre, que pode encerrar o ano abaixo de 5%, ainda que acima do teto da meta (4,5%).

Quadro 1: IPCA – Variação mensal (%)



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA e Aberturas – Var.% Acum. 12 meses



Fonte: IBGE

Em relação à atividade, os indicadores setoriais divulgados pelo IBGE na última semana, especialmente o varejo, reforçaram os sinais de desaquecimento da atividade no 2º trimestre, que deve mostrar um avanço tímido do PIB no período.

As vendas no varejo ampliado surpreenderam negativamente com uma forte retração de 2,5% no mês, ante expectativa de uma ligeira alta de 0,2%. Com o resultado, o setor fechou o 2º trimestre com recuo de 1,7% na margem, mais do que devolvendo a alta registrada no trimestre anterior (+1,4%).

Como esperado, a maioria das atividades apresentou retração no mês, com 7 das 10 pesquisadas em queda. Os recuos mais intensos foram observados nas vendas de material de construção (-2,6%), veículos (-1,8%), móveis e eletrodomésticos (-1,2%) e supermercados (-0,5%). Por outro lado, avançaram apenas as vendas de combustíveis (+0,3%), após três meses seguidos em queda, vestuário (+0,5%) e outros artigos de uso pessoal (+1,0%).

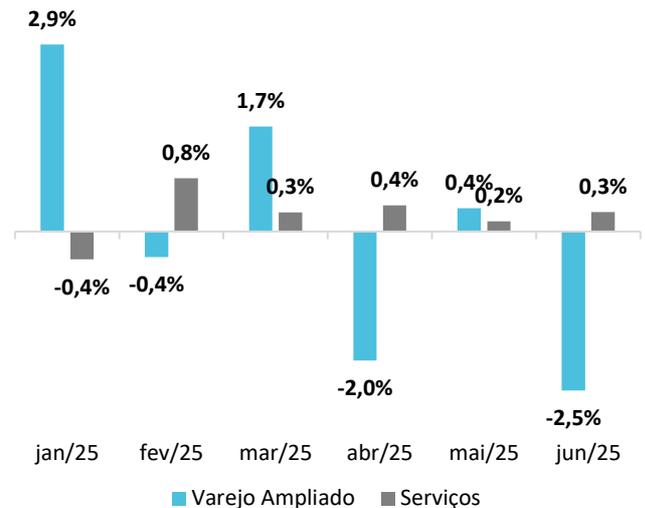
No trimestre, apesar do forte resultado negativo (-1,7%), a queda ficou concentrada em três atividades, embora de grande peso, como as vendas de veículos (-2,8%) e materiais de construção (-1,9%), enquanto as vendas nos supermercados ficaram praticamente estáveis (+0,1%) no período. Nesse contexto, a perda de dinamismo do setor no trimestre reflete a moderação no crédito e a persistência da inflação em patamar elevado, especialmente dos alimentos, que comprimem a capacidade de consumo das famílias.

O setor de serviços, por sua vez, avançou 0,3% em junho, superando as expectativas do mercado (-0,1%) e engatando a quinta alta mensal seguida. No entanto, a composição fraca do resultado também aponta para perda de fôlego do setor.

Isso porque o crescimento do mês ficou concentrado nos serviços de transportes (+1,5%), ainda impulsionados por resquícios da supersafra de grãos e pelo avanço no transporte aéreo, enquanto as demais quatro atividades recuaram. Entre elas, destaque para os serviços prestados às famílias (-1,4%), importante termômetro para o consumo das famílias, que acumula três retrações mensais consecutivas.

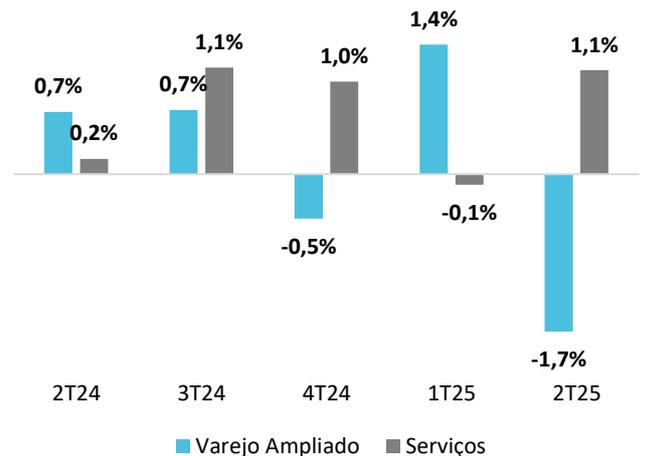
Com o resultado, o setor fechou o 2º trimestre com expansão de 1,1%, após reair 0,1% no 1T25. O resultado foi liderado pelos serviços de transportes (+2,6%) e comunicação/informação (+1,4%), enquanto os prestados às famílias subiram apenas 0,4%. Portanto, os serviços voltados às empresas seguiram com bom desempenho no 2T25, enquanto os prestados às famílias mostraram sinais mais evidentes de desaceleração, apesar do mercado de trabalho ainda aquecido. Para o 2º semestre, a tendência é de uma perda de ímpeto mais disseminada do setor.

Quadro 3: Varejo e Serviços – Var.% mensal



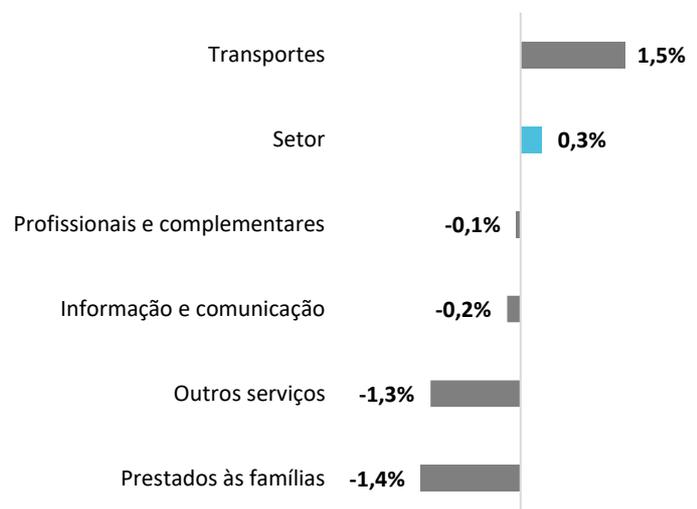
Fonte: IBGE

Quadro 4: Varejo e Serviços – Var.% trimestral



Fonte: IBGE

Quadro 5: Setor de Serviços e Aberturas Var.% mensal em Junho



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Números de inflação trazem sinais divergentes nos EUA

Os dados de inflação nos EUA trouxeram sinais conflitantes na última semana, dificultando a tarefa dos agentes em identificar os efeitos das tarifas sobre os preços no país e qual deve ser a reação do FED diante desse cenário. Por um lado, a inflação ao consumidor (CPI) seguiu trazendo números bem-comportados, fato que levou uma minoria do mercado a apostar em um corte de 0,5 pp dos juros pelo Fed na reunião de setembro. Já os preços ao produtor (PPI) mostraram um quadro diferente, indicando o surgimento de pressões inflacionárias relevantes para uma série de itens. Nesse contexto, a possibilidade de uma queda mais intensa dos juros saiu do radar dos mercados, embora siga bastante majoritária (85%, segundo o CME Group) a aposta em queda de 0,25 pp no próximo encontro.

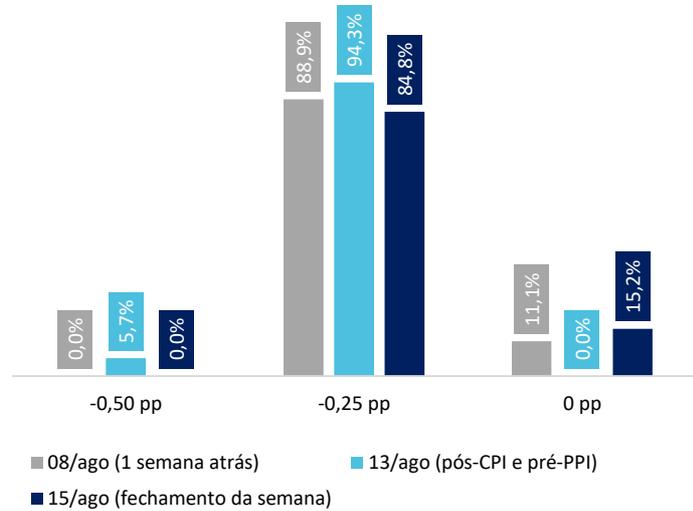
Nos EUA, o CPI subiu 0,2% em julho, em linha com o esperado, permanecendo estável em 2,7% no acumulado em 12 meses. O resultado do mês foi beneficiado pela queda nos preços de derivados do petróleo, como a gasolina (-2,2%) e o gás encanado (-0,9%). Por outro lado, houve alta em serviços de transporte (+0,8%) e de saúde (+0,8%). O núcleo do CPI, que exclui alimentos e energia, subiu 0,3% no mês e acelerou para 3,1% em base anual (ante +2,9%). Já o índice de preços ao produtor (PPI) subiu 0,9% em julho, bem acima do esperado (+0,2%), maior variação mensal nos últimos 3 anos. Isso sugere que este pode ser um dos primeiros efeitos inflacionários na economia dos EUA decorrentes das tarifas comerciais. Em 12 meses, o indicador atingiu 3,3% (ante +2,4% em jun/25).

Com relação à atividade, os números vieram em linha com o esperado, trazendo novos sinais de desaceleração da economia dos EUA. As vendas no varejo avançaram 0,5% em julho, abaixo do observado em junho (+0,9%), enquanto a indústria recuou 0,1% no mês. A prévia da confiança do consumidor de agosto, por sua vez, voltou a cair após mostrar alguma recuperação nos últimos meses.

Na China, os números de atividade de julho decepcionaram, mostrando ainda uma demanda interna enfraquecida. A produção industrial subiu 5,7% ante o mesmo mês de 2024, abaixo do observado em junho (+6,8%) e das expectativas (+5,9%). O varejo também ficou aquém do esperado (4,6%), com alta de apenas 3,7% no mesmo comparativo, ante 4,8% em junho.

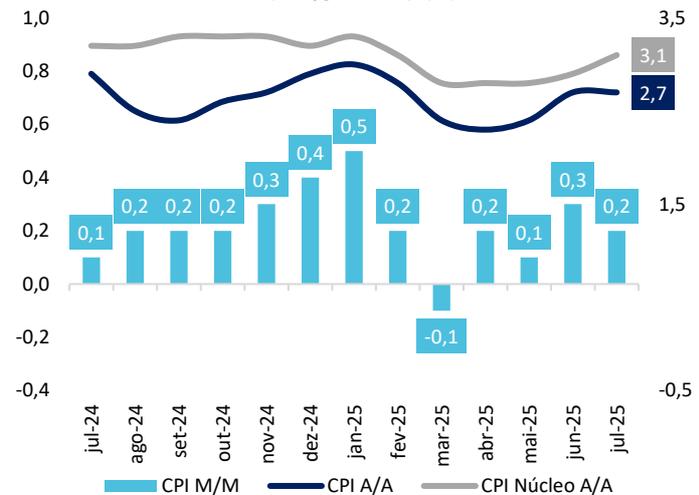
Por fim, na Zona do Euro, a 2ª leitura do PIB do 2T25 confirmou a prévia e confirmou a alta de 0,1% no trimestre, com desaceleração relevante após crescer 0,6% no 1T25.

Quadro 6: Evolução da probabilidade de redução dos juros pelo Fed na reunião de setembro



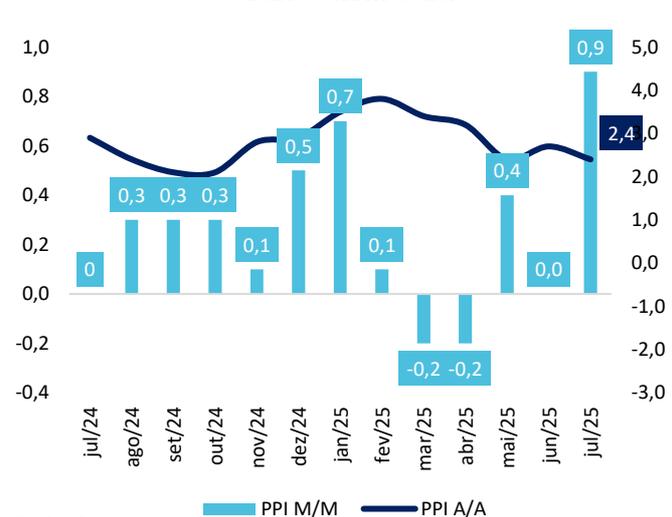
Fonte: CME Group

Quadro 7: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)
Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg

Quadro 8: EUA – Inflação ao Produtor (PPI)
Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Projeção de crescimento para o crédito em 2025 segue em 8,7%

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 20 bancos entre 05 e 11 de agosto, captou estabilidade na expectativa de crescimento da carteira de crédito total em 2025, permanecendo em 8,7%, assim como na pesquisa de junho. Portanto, segue a perspectiva de que o crescimento do crédito deve mostrar alguma desaceleração no 2º semestre, considerando que, segundo o Banco Central, a alta anual registrada em junho foi de 10,7%.

O resultado captado refletiu uma leve alta esperada para o crescimento do crédito direcionado, compensado por uma queda no livre. Para o direcionado, a expectativa subiu de 9,3% para 9,6%, impulsionado pelo crédito PJ (10,9% ante 10,1%), diante da forte expansão dos recursos disponíveis em alguns programas governamentais. No crédito Direcionado PF, a expansão esperada se manteve em 9,1%.

Já a expectativa de crescimento da carteira com recursos livres caiu de 8,2% para 8,1%, puxada pela expectativa de um menor crescimento do crédito destinado às empresas (5,9%, ante 6,1%), que tem apresentado menor dinamismo, refletindo as condições financeiras mais apertadas, além da concorrência enfrentada com as operações direcionadas e o mercado de capitais. Por outro lado, a expectativa para o crédito livre para as famílias subiu de

9,5% para 9,7%, em um cenário marcado pelo mercado de trabalho ainda aquecido.

A trajetória da taxa de inadimplência segue como um ponto de atenção. A projeção do indicador para a carteira com recursos livres se manteve em 5,0%, mesmo patamar projetado para 2026 e o reportado pelo Banco Central no dado de junho, indicando a expectativa de estabilidade a partir de então, mas em patamar mais elevado do que o observado ao longo de 2024.

Para 2026, a pesquisa captou queda marginal na expansão projetada para o crédito, passando de 7,9% para 7,8%. Na comparação com a pesquisa anterior, houve revisão negativa tanto para a carteira livre (de 7,5% para 7,4%), como direcionada (de 8,7% para 8,5%).

Assim, a pesquisa captou estabilidade para a expectativa de crescimento do crédito total em 2025, que segue indicando uma acomodação do segmento neste 2º semestre, refletindo a política monetária restritiva. Ainda assim, foram observadas revisões positivas nas expectativas de alta das carteiras PJ Direcionada e PF Livre, em função dos programas governamentais e do mercado aquecido, respectivamente.

O Quadro 9 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual e o comparativo com o obtido na pesquisa anterior.

Quadro 9: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2025		2026	
	Pesquisa Jun/25	Pesquisa Ago/25	Pesquisa Jun/25	Pesquisa Ago/25
Carteira Total (var. % – total do SFN)	8,7	8,7	7,9	7,8
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	8,2	8,1	7,5	7,4
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	6,1	5,9	6,5	6,6
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,5	9,7	8,2	7,6
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	9,3	9,6	8,7	8,5
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	10,1	10,9	9,1	8,9
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,1	9,1	8,6	8,2
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	5,0	5,0	4,9	5,0

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

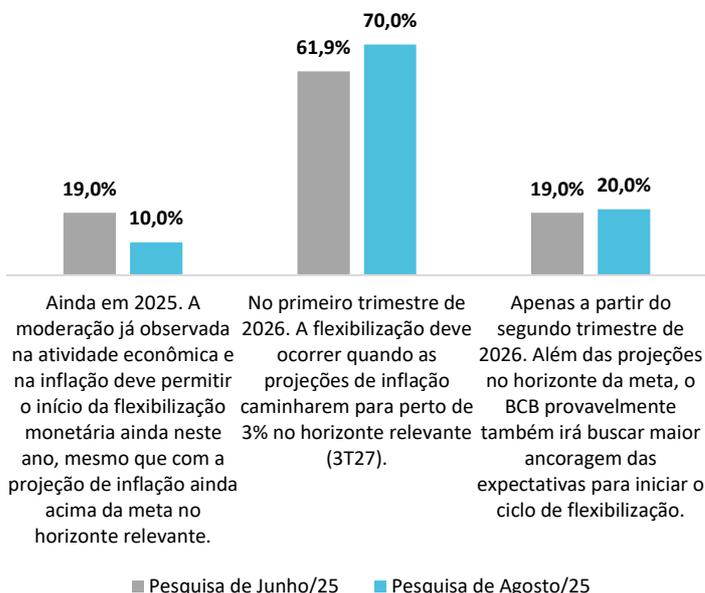
Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- A maioria (70,0%) dos participantes entende que o próximo ciclo de queda da taxa Selic deve se iniciar no 1º trimestre de 2026, percentual maior do que o observado na pesquisa anterior (61,9% em jun/25), sugerindo alguma convergência das expectativas em relação aos próximos passos do Copom.
- A mediana captada pela Pesquisa segue projetando manutenção da taxa Selic em 15,00% até o fim do ano, com reduções de 0,25 pp e 0,50 pp, nesta ordem, nas duas primeiras reuniões de 2026, quando atingiria 14,25% em mar/26.
- Com relação à atividade, as projeções também se mostraram menos dispersas. Agora, para 70,0% dos participantes, o crescimento do PIB deve ficar em torno de 2,2% no ano, atual consenso do mercado (ante 42,9% observado na pesquisa de junho). A principal diferença é que entre os consultados, ninguém mais espera um crescimento superior a este patamar.

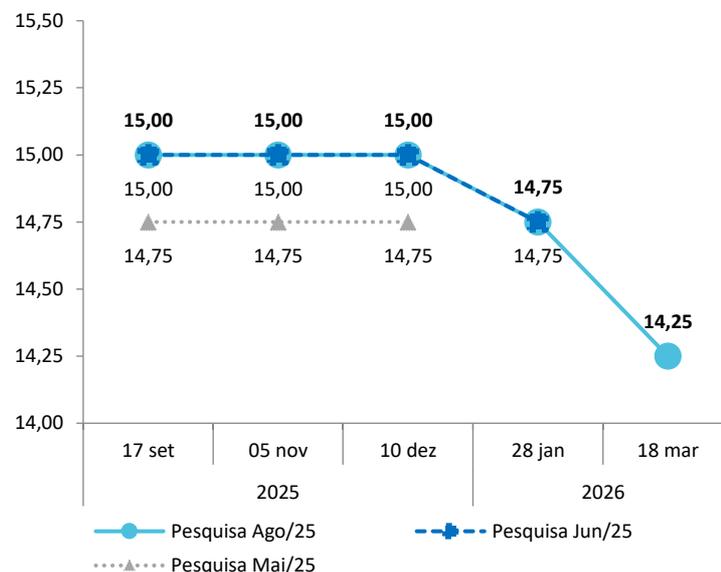
- Quanto ao impacto do mercado de trabalho aquecido sobre a inflação, a percepção para a maioria dos entrevistados (55,0%) é que sua influência tende a ser moderada. Ou seja, embora dificulte a convergência da inflação para a meta, não a impede. Já para 40,0%, sua influência é relevante e pode comprometer a convergência da inflação para a meta.
- Com relação à inflação, a maioria dos participantes (70,0%) mantém a projeção de que o IPCA deve ficar entre 5,0% e 5,5% ao final do ano, percentual pouco abaixo do observado na pesquisa anterior (71,4%). Os demais (30%) projetam que a inflação pode encerrar o ano abaixo de 5% (30,0% ante 28,6%).
- Quanto à política monetária nos EUA, os dados mais fracos do *payroll* elevaram as chances de um ciclo mais agressivo de queda dos *Fed Funds* neste ano. Além de pouco mais da metade dos entrevistados (60,0% ante 52,4%) projeta 2 cortes de 0,25 pp até o fim do ano, 20,0% já enxergam 3 cortes desta magnitude em 2025, ante apenas 4,8% na pesquisa anterior.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 10: Expectativa de início do ciclo de corte de juros pelo Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 11: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Resultado Corporativo 2º Tri/25 Banco do Brasil

CRÉDITO / BANCOS

O Banco do Brasil (BB) registrou lucro líquido ajustado de R\$ 3,8 bilhões no 2º trimestre do ano, abaixo do esperado pelo mercado (US\$ 5,0 bi). O resultado representa uma queda expressiva de 48,7% no trimestre e de 60,2% na comparação com o 2T24. O ROE do banco atingiu 8,4%, também com recuos relevantes na comparação trimestral (-8,3 pp) e anual (-13,2 pp). Vale destacar que a comparação com 2024 segue impactada pela entrada em vigor no início deste ano da Resolução 4.966/21, que afeta rubricas como a margem financeira e o custo do crédito.

De todo modo, a piora do resultado vem sendo puxada pela alta no custo do crédito, com alta de 56,7% no trimestre e de 103,8% ante o 2T24, diante do aumento da inadimplência, especialmente no crédito destinado ao setor agropecuário, impactado pelo aumento dos pedidos de recuperação judicial. O BB informou que possui 808 clientes na carteira agro em RJ, com dívidas de R\$ 5,4 bi.

Tal movimento mais do que compensou os ligeiros avanços da margem financeira bruta (+4,9%) e das receitas de serviços (+4,7%) no trimestre. A margem com clientes cresceu 9,7%, beneficiada pelo avanço do saldo médio e do spread (+0,6 pp), enquanto a margem com o mercado caiu 22,0%, influenciada pelo câmbio e aumento do custo de captação (alta da Selic). Quanto à receita de serviços, destaque para os ganhos com operações de crédito (+82,3%) e consórcio (+5,5%). Já as despesas operacionais subiram apenas 1,9% no período. Com isso, o índice de eficiência subiu (+0,5 pp), ou seja, piorou e atingiu 27,0%, embora siga em patamar historicamente baixo (31,7% em média de 2020 a 2024).

A carteira de crédito ampliada do BB, que também considera TVMs privados e garantias, atingiu R\$ 1,294 tri no final do 2T25, com alta de 11,2% em 12 meses. Destaque para a carteira destinada às empresas (+14,7%), impulsionada pelos TVMs e garantias (+45,7%). No caso do crédito ao agronegócio, a alta foi de 8,0%, com destaque para produtores de pequeno porte (+9,8%), enquanto o crédito destinado às famílias cresceu 8,0%, liderado por linhas mais arriscadas: composição de dívidas (+23,1%), cartão de crédito (+13,0%) e crédito pessoal não consignado (+11,2%), enquanto linhas com garantia recuaram, como no caso dos veículos (-21,5%) e imobiliário (-0,2%).

A inadimplência (acima de 90 dias) ficou em 4,2% no 2T25, subindo 0,3 pp no trimestre e 1,2 pp em um ano, atingindo o maior valor da série (desde 2014). A piora foi disseminada, mas como já mencionado, puxada pelo crédito agro, com alta de 0,5 pp no trimestre, atingindo 3,5% da carteira. Contudo, vale notar que a inadimplência da carteira PF também subiu (+0,5 pp, para 5,6%), liderada pelo imobiliário e veículos, assim como para as empresas (+0,1 pp, para a 4,2%).

Diante do resultado, o BB revisou seu *guidance* para 2025. Agora, é aguardada uma expansão anual mais contida da carteira de crédito, entre 3,0% e 6,0% (ante 5,5% a 9,5%). Adicionalmente, as projeções de margem, custo do crédito e lucro que estavam sob revisão, foram divulgadas e projetam um lucro líquido ajustado entre R\$ 21 bi e R\$ 25 bi no ano, bem abaixo do apurado em 2024 (R\$ 37,9 bi).

Quadro 12: Resultado 2T25 – Banco do Brasil

Banco do Brasil - R\$ Mi	2T24	1T25	2T25	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS¹					
Ativo Total	2.362.966	2.420.992	2.437.483	0,7%	3,2%
TVM	584.005	523.574	606.329	15,8%	3,8%
Depósitos	845.469	864.972	880.357	1,8%	4,1%
Patrimônio Líquido	181.831	184.189	183.549	-0,3%	0,9%
DRE²					
Margem Financeira Bruta	25.549	23.881	25.061	4,9%	-1,9%
Custo do Crédito	-7.807	-10.152	-15.908	56,7%	103,8%
Despesa de Perda Esperada	-9.610	-11.067	-17.374	57,0%	80,8%
PDD - Recuperação de Crédito	2.983	1.289	1.991	54,5%	-33,3%
Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias	8.845	8.361	8.754	4,7%	-1,0%
Despesas Administrativas	-9.245	-9.496	-9.676	1,9%	4,7%
IR/CSLL	-2.530	-425	-113	-73,3%	-95,5%
Lucro Líquido Ajustado	9.502	7.374	3.784	-48,7%	-60,2%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE³					
ROAE	21,6%	16,7%	8,4%	-8,3 pp	-13,2 pp
ROAA	1,6%	1,2%	0,6%	-0,6 pp	-1,0 pp
Índice de eficiência	25,5%	26,5%	27,0%	0,5 pp	1,5 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ⁴	1.164.430	1.277.799	1.294.296	1,3%	11,2%
Interna	1.100.402	1.201.889	1.215.475	1,1%	10,5%
PF	317.317	335.806	342.595	2,0%	8,0%
PJ	408.096	459.885	467.986	1,8%	14,7%
Agronegócios	374.989	406.198	404.893	-0,3%	8,0%
Externa	64.027	75.911	78.822	3,8%	23,1%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,7%	0,8%	1,2%	0,4 pp	0,6 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,0%	3,9%	4,2%	0,3 pp	1,2 pp
Índice de Basileia	14,2%	14,1%	14,1%	0,0 pp	-0,1 pp
Provisão Estágio 3 / Carteira Estágio 3	-	72,6%	70,6%	-2,0 pp	-

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Contábil ²1T25 segue Res. 4.966/21, valores anteriores seguem regulação até 31/12/24. ³Anualizado ⁴Inclui TVM e garantias.

Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC/BCB)

CRÉDITO / BANCOS

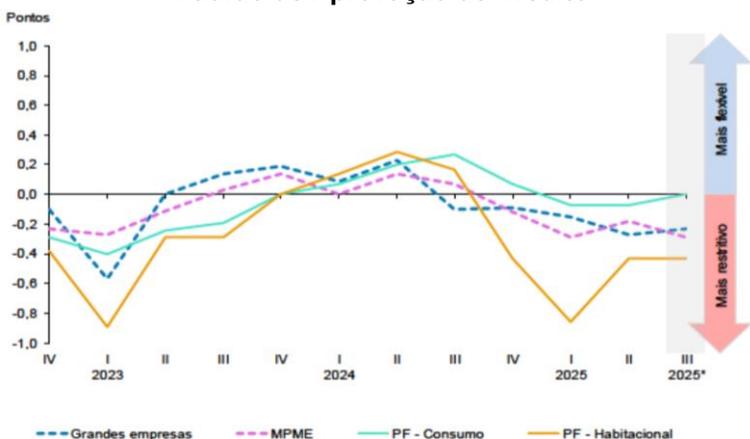
O Banco Central divulgou a [Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito \(PTC\)](#), que coleta as avaliações das IFs sobre as condições do mercado de crédito bancário no SFN. A Pesquisa capta a avaliação das instituições sobre as mudanças observadas nos últimos três meses e as perspectivas para os próximos três, em relação às condições de oferta e demanda por crédito para os seguintes segmentos: i) Grandes empresas; ii) Micro, pequenas e médias empresas (MPMEs); iii) Crédito pessoal para consumo; iv) Crédito habitacional (PF). Segundo o BCB, os principais destaques captados na Pesquisa realizada em julho de 2025 foram:

- As condições de oferta continuarão em níveis restritivos no 3T25, em níveis próximos ao observado no 2º trimestre. A percepção é negativa para todos os segmentos, mas a pior avaliação é feita para o Crédito Habitacional, com grande peso do fator custo/disponibilidade de *funding*. Por outro lado, o segmento com a visão menos negativa é o Crédito para Consumo.
- Quanto à demanda, a expectativa é de alguma recuperação nos segmentos de Grandes Empresas (necessidade de capital de giro) e Crédito para Consumo. Por outro lado, ficou estável para MPMEs e caiu para o Crédito Habitacional.
- A expectativa é que a inadimplência siga aumentando no 3T25 em todos os segmentos, com maior preocupação entre as MPMEs.

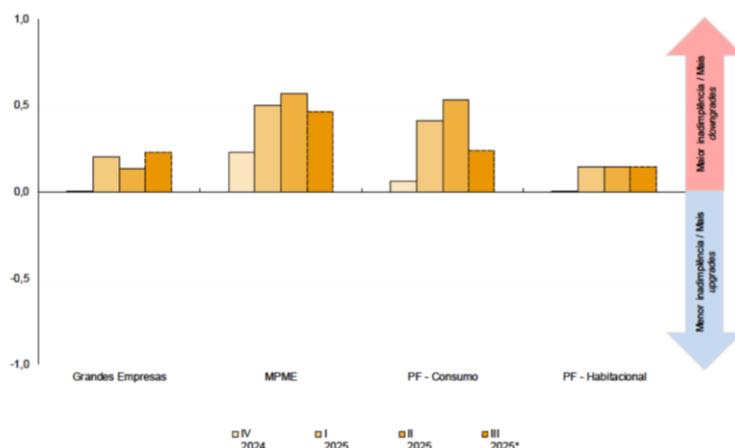
Percepções entre os segmentos:

- **Crédito Consumo:** as maiores preocupações estão relacionadas ao nível de inadimplência do mercado e ao custo/disponibilidade de *funding*. Por outro lado, houve leve melhora na percepção sobre o nível de emprego/condições salariais. Do ponto de vista da demanda, a menor confiança do consumidor é avaliada como o fator mais restritivo, enquanto a percepção sobre o comprometimento de renda melhorou.
- **Crédito Habitacional:** a percepção sobre o segmento segue negativa, destaque para o custo/disponibilidade de *funding*, que se mantém como o fator mais restritivo do lado da oferta. Também pesam o nível de inadimplência do mercado e o comprometimento de renda do consumidor. Do lado da demanda, a elevação das taxas de juros segue como o principal fator restritivo.
- **Grandes empresas:** as condições gerais da economia, o nível de inadimplência do mercado e a percepção de risco do cliente são os fatores com a pior avaliação sob a ótica da oferta. Do ponto de vista da demanda, por um lado, a concorrência com o mercado de capitais é vista como um fator negativo, de outro, a necessidade de capital de giro é vista como um fator positivo.
- **MPMEs:** a piora da avaliação do segmento foi puxada pela maior preocupação com o nível de inadimplência do mercado e a tolerância ao risco. E, assim como entre as grandes empresas, também há a percepção que a necessidade de capital de giro deve ser um fator positivo para a demanda, enquanto aqui, o principal fator limitativo são as elevadas taxas de juros.

Quadro 13: Indicador de Oferta Padrão de Aprovação de Crédito



Quadro 14: Avaliação de Rating/Inadimplência



Fonte: PTC/Bacen. * Os valores do 3T25 correspondem às expectativas dos respondentes para o trimestre. Us demais correspondem as percepções sobre a situação em cada trimestre.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	15/08/25	08/08/25	18/07/25	Viés	15/08/25	08/08/25	18/07/25	Viés
IPCA (%)	4,95	5,05	5,10	▼	4,40	4,41	4,45	▼
PIB (% de crescimento)	2,21	2,21	2,23	↔	1,87	1,87	1,88	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	15,00	↔	12,50	12,50	12,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,60	5,60	5,65	↔	5,70	5,70	5,70	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	15/08/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,40	-0,61%	-3,56%	-12,57%	-1,32%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	137,50	-3,60%	-8,16%	-36,05%	-13,81%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,91	0,01%	0,01%	21,04%	42,93%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,39	-1,20%	-2,39%	-6,59%	27,34%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,33	-0,86%	-2,81%	-14,50%	16,93%
Índice Ibovespa (em pontos)	136.340,77	0,31%	2,46%	13,35%	2,27%
IFNC (setor financeiro)	15.195,44	3,28%	5,70%	28,45%	9,59%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	-18,18%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,75	-0,32%	-5,22%	-11,58%	-8,37%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,32	0,77%	-1,33%	-4,78%	10,30%
Dollar Index	97,84	-0,35%	-2,13%	-9,52%	-4,99%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.449,80	0,94%	1,74%	9,19%	16,35%
Índice de ações de bancos – EUA	118,76	3,40%	2,53%	-1,12%	9,40%
Índice Euro Stoxx 50	5.448,61	1,89%	2,42%	11,90%	13,33%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	236,01	3,07%	7,40%	62,37%	72,88%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	66,25	-0,51%	-8,66%	-10,94%	-18,25%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira